

Floreal

ANNO I

*
Num. 2



PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto



REDACÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 89

(1.º andar)



BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907

— G. J. —

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.... ..	3\$000	— Semestre.	6\$000
Anno.....			12\$000
Avulso.....			\$500



Rio, 12 de Novembro, 1907

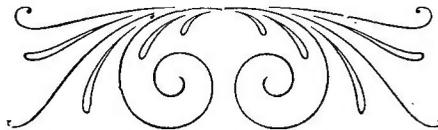


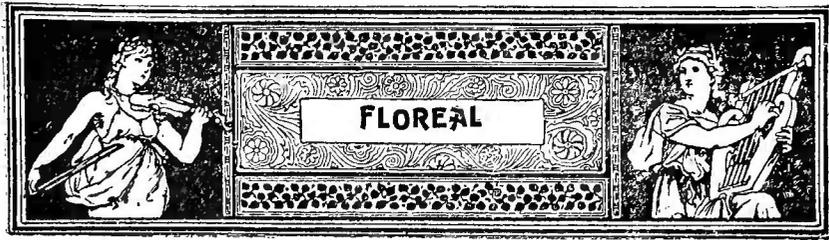
Summario :

<i>Spencerismo e Anarchia</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Face a Face</i>	J. Pereira Barreto.
<i>Historia Triste</i>	Carlos de Lara.
<i>Recordações do escriptão Isaias Caminha (Continuação)</i> ..	Lima Barreto.

Revista da Quinzena :

<i>Pretextos</i>	A. Noronha Santo
<i>Questões actuaes</i>	Edmundo Enéas Galvão
<i>Protocollo</i>	
<i>Echos</i>	





Spencerismo

e Anarchia

UMA pedra, lançada no espaço, não seria por isso considerada um planeta ou um astro — seria, quando muito, um bolido. Mas imagine-se agora que essa pedra, que poderia não ser bem uma pedra, que poderia ser apenas um grão de areia, cresça, por grãos imperceptíveis, até se tornar, por exemplo, do tamanho do Sol. Chega um momento em que se pôde dizer d'ella, positivamente, que é um astro. O que não se pôde dizer é o momento preciso em que o grão de areia passou a ser pedra, e o momento preciso em que a pedra passou a ser astro. Assim em uma infinidade de casos. Uma despesa de 1 real, por exemplo, ou de 20 réis pôde não arruinar absolutamente um individuo. Essa despesa pôde crescer ainda, dobrar, triplicar-se, augmentar constantemente, por parcellas muito pequenas, sem que, por largo espaço, deixe de poder ser feita sem constrangimento, sem soffrimento; em dado instante, porém, percebe-se que ella seria penosa. Qual o instante preciso ou, pelo menos, com approximação de 100 réis em que isso passaria a acontecer? E' o que não existe ou o que não se pôde dizer. N'uma téla branca que tivesse recebido uma aguada de Nankin que fosse desde o negro, esbatendo-se insensivelmente, até uma zona que não houvesse recebido tinta alguma, não se

poderia dizer a linha precisa de separação das duas zonas. Em qualquer dos tres casos, porém, pôde-se delimitar uma zona dentro da qual estará necessariamente comprehendido o momento, o valor, a linha que se deseja fixar. No primeiro caso, por exemplo, podiam ser escolhidos dois instantes taes que se poderia dizer, do primeiro : « Aqui ainda é pedra » ; e do segundo : « Aqui já é um astro ». Assim nos outros casos.

Tratando-se da fixação das attribuições convenientes do Estado, essas imagens occorrem naturalmente. Suppondo estabelecida a necessidade do Estado para dois ou tres casos, o que eu supponho aqui expressamente, feito por um raciocinio semelhante ao de E. Faguet no seu *Socialisme en 1907*, suppondo mais, de uma maneira semelhante, estabelecido o erro do Socialismo, quando se trata de fixar entre esses dois extremos — a Anarchia e o Socialismo — a zona conveniente de acção do Estado, está-se diante d'um caso como os enunciados acima. Indo da Anarchia para o Socialismo não se pôde fixar o instante preciso em que a acção do Estado, demonstradamente necessaria nos dois ou tres casos suppostos, fosse passar a ser má. Aqui como lá o que se pôde fazer é fixar dois limites dentro dos quaes é preciso manter a acção do Estado.

Esses limites serão então provisorios. Com o tempo, com a aquisição de novos conhecimentos, com o progresso scientifico, naturalmente, aos poucos, defeitos e erros antes pouco perceptíveis, ir-se-ão tornando evidentes. E a acção do Estado poderá ser delimitada theoreticamente, com rigor crescente, tal e qual como nos casos acima, no caso da téla, por exemplo, o aperfeiçoamento dos processos de observação, da propria visão humana, determinariam a approximação progressiva das linhas limites.

No *Individuo contra o Estado*, estudando as consequências affastadas e proximas de actos de governo, no artigo intitulado — *A escravidão futura* — Spencer chega a formular a idéa fundamental a ter em vista na escolha d'esses limites, no exame das extensões do Estado, no julgamento das maneiras de resolver os problemas que se trata de affectar ou não á intervenção administrativa :

« A questão primordial para o homem politico deveria ser sempre : Que typo de structura social eu tendo a produzir ? »

E é esse o ponto a que eu queria chegar. Lançando mão d'esse criterio e do raciocinio feito para estabelecê-lo, poder-se-ia, se é que isso não foi feito ainda, atacar Spencer com um exito apparente. Spencer tendo dito que em toda especie de Sociedade, cada especie de structura tende a se propagar, poderia alguém raciocinar do seguinte modo :

« Se isso é verdade, se, portanto, toda e qualquer intervenção do Estado tende a se propagar por esse modo, o unico meio de impedir que o Estado invada tudo e que se chegue ao Socialismo é reduzir o Estado a zéro. O criterio primordial de Spencer annulla, portanto o Estado, e ou Spencer é contradictorio ou elle é Anarchista.

E' esse, comquanto errado, o ataque melhor que, n'esse sentido, póde ser feito ao Spencerismo como doutrina politica. E' a elle que eu tenho em vista particularmente responder, comquanto tratando a questão de uma maneira geral.

Na extensão ou na retracção das intervenções do Estado ha uma certa posição que goza de propriedades particulares. Essa posição, que para facilidade de exposição eu chamarei de posição média, é a que tem lugar quando a acção do Estado se limita á manutenção da ordem, á defeza externa, á distribuição da justiça, a certas questões de hygiene

e de segurança, á certa intervenção nos trabalhos publicos — tudo isto considerado em qualidade e não em quantidade.

Relativamente a essa como a qualquer outra posição d'essa natureza, na posição média notam-se duas ordens de forças : uma tendente a effectuar o affastamento n'um ou n'outro sentido, tendendo a extender ou a restringir as attribuições que o Estado tem então ; outra tendendo a impedir ou a desfazer esses deslocamentos — eu chamarei centrifugas as primeiras, centripetas as segundas. O que ha de especial na posição média a esse respeito, é a precisão particular com que essas forças então actuam. Assim, no momento actual, salvo condições particulares e de muito pequena duração, seria impossivel tornar menor do que ella é ahi, a intervenção do Estado. Póde-se bem imaginar o que seria a reacção contra uma tentativa d'essa ordem — a eliminação do policiamento ou coisa semelhante — que conduzisse a uma posição inferior á posição média. A acção ahi é simples e precisa tanto quanto se póde desejar. As noções a respeito são bastante geraes, o raciocinio bastante elementar para constituirem uma força centripeta garantidora, n'esse sentido, da estabilidade da posição média.

No sentido da extensão das attribuições do Estado já os factos não se passam assim. Comprehende-se que exista, desde logo, força centripeta — decorrente, pelo menos, de interesses em jogo; mas essa força seria muito pequena no começo do deslocamento, ou pelo estado actual de instrucção, ou porque na realidade não haja erro ainda, ou pelos dois motivos. Em todo o caso, á medida que se caminha n'essa direcção, dentro de algum tempo chegam-se a posições conhecidaemente de erro. Posições taes que se a maior parte não lhes vê a falha, esta foi vista e mostrada por alguns indivi-

duos. E se continúa o movimento e se vae progressivamente extendendo a intervenção do Estado, aos poucos os erros vão sendo melhor percebidos e a força decorrente disso, força centripeta, vae-se fazendo maior e actuando cada vez mais intensa e mais palpavel. E como este raciocinio relativo a convicções, póde ser feito, correspondentemente, em relação aos interesses, e nas duas direcções, póde-se dizer que a acção centripeta cresce com o afastamento n'um ou n'outro sentido, da posição média.

A acção das forças centrifugas é menos precisa, menos facil de perceber sobretudo quanto á variação das convicções. Vê-se bem, dada a maneira de pensar actual, que na posição média se appellaria de bôa vontade para o Estado diante de muita difficuldade; que se teria fé no seu poder; que se acreditaria facilmente na efficacia da extensão de suas intervenções. Quando, nas condições actuaes em que o Estado intervem muito, sendo facil a comprehensão de certos erros, se espera ainda tanto d'elle, e é ainda tão exagerada a idéa que geralmente se faz do seu poder, comprehende-se bem o que não seria isso quando os erros a commetter, se os houvesse, fossem muito pequenos. Vê-se bem que ahi a força centrifuga é bastante superior, nas condições actuaes, á força centripeta. Isso vê-se bem. Mas a partir d'esse ponto, á medida que o Estado vae intervindo cada vez mais, como variam as condições a esse respeito? O Spence-rismo e o Socialismo farão, n'esse sentido, progressos parallelos? Augmentarão os adeptos do Socialismo, a sua fé se irá tornando cada vez mais viva? Esses elementos crescerão para diminuir quando se tornarem muito grandes os erros? Ou a variação será irregular havendo successivamente e em grãos diversos, crescimentos e desfallecimentos? Não se póde dizer.

O mesmo não se dá, porém, com a parte relativa ao interesse, podendo-se ali prevêr e conhecer a variação com precisão relativa. A medida que se vae tornando maior a intervenção cresce necessariamente o grupo encarregado de a tornar effectiva. Augmentam-se os cargos publicos, são feitas nomeações, e um numero cada vez maior de individuos passa assim a fazer sob as ordens do Estado, trabalho de governo. Além d'esses individuos ha muitos outros a quem as medidas d'essa natureza aproveitam ainda. Seja uma protecção alfandegaria em que se visa directamente um objectivo de desenvolvimento industrial, seja uma medida de espirito muito differente, como uma exigencia hygienica, isso sempre se dá. Toda essa gente tem interesse na intervenção feita e vae agir, quando mais não seja, no sentido de manter a situação — como um dente de encliquetagem. E' essa a primeira consequencia: a resistencia a voltar para traz; depois ha outra — a tendencia a ir para diante, ao crescimento, á extensão da intervenção. Imaginemos, por exemplo, o caso de uma medida proteccionista. Imaginemos que, com o intuito de desenvolver uma determinada industria são creados impostos alfandegarios bastante fortes para garantirem os productos nacionaes d'essa especie da concorrência estrangeira. Necessariamente esta industria ha de se desenvolver. Tratando-se de um bom emprego de capital, o capital afluirá para ella. Virá então a concorrência interna e, salvo circumstancias particulares, um abaixamento de preços. Desde logo, acostumados a maiores lucros, os industriaes procurarão ou desejarão, em grande parte, obter um accrescimo de protecção. E forma-se assim uma força centrifuga que tende a crescer á proporção que os preços baixam e vão permittindo a concorrência estrangeira.

Como este caso, semelhantemente ao que se

dá aquí, passam-se as coisas em um sem numero de outros casos. E junte-se a isso o interesse que possam ter em novas intervenções os que não foram contemplados pelas existentes; junte-se a acção de umas intervenções sobre outras, de diminuição reciproca de vantagens; que com o numero dos interessados cresce a capacidade de resistir e o poder de ir para diante; a efficacia dos precedentes; a dependencia entre governantes e governados; e se terá idéa do que é essa força centrífuga proveniente de interesses em jogo e de como ella, pelo menos durante um largo espaço, cresce quando se caminha para o Socialismo.

Assim se conhece até certo ponto a variação d'essa parte da força centrífuga; mas quanto á variação total continuamos reduzidos a hypotheses e a probabilidades tal e qual como na parte relativa ás convicções e justamente por causa d'isso. A força centrífuga total que nós vimos ser, na posição média e para o estado actual de cultura, muito maior que as resistencias que ella poderia encontrar então, essa força centrífuga total virá a ser algum dia, em alguma posição, menor que a força centripeta correspondente — ou porque a primeira descreça ou porque cresça menos rapidamente que a segunda? Será sempre maior? Em todo o caso, seja qual fôr a supposição verdadeira, todas as hypotheses a fazer cahem forçosamente dentro de uma das duas seguintes: ou haverá posição de equilibrio antes do Socialismo ou ir-se-ha até lá.

No numero do *Mercure de France* de Janeiro de 1904, por occasião da morte de Spencer, vem publicada a carta seguinte dirigida por este em outubro de 1902 ao Sr. Davenay, creio que do *Figaro*:

« Senhor. — Não desci desde quarta-feira, as

desordens nervosas de que soffria tendo-se aggravado pela minha breve conversa convosco.

E' evidente que eu não devo aggravar ainda o meu estado por uma nova entrevista.

As opiniões que exprimi aqui diante de vós e que tendes a liberdade de publicar são resumidamente estas :

1º O Socialismo triumphará inevitavelmente apesar de todas as opposições.

2º Seu estabelecimento será o maior desastre que o mundo terá já mais conhecido.

3º Cêdo ou tarde, terminará por um despotismo militar.

Sinceramente vosso. — *Herbert Spencer.*»

Pelo que eu disse acima vê-se bem que eu não aceito essa affirmacão de Spencer, do advento inevitavel do Socialismo. Isso não pôde importar comtudo, de maneira alguma na diminuição, a serio, da sua obra.

Com effeito : que é que poderia ser derrubado por isso ? Os seus *Primeiros Principios* ? A sua *Biologia* ? A sua *Sociologia* ? Spencer pôde ter errado e segundo eu penso, errou mais de uma vez, mesmo no corpo da sua obra, mesmo no seu trabalho fundamental — nos *Primeiros Principios* — no ponto em que, por exemplo, elle combate o Scepticismo philosophico. Mas o que elle demonstrou — e é muito — o que elle construiu — e é extraordinario — o que elle edificou, não perderia nada do seu valor embora elle tivesse abjurado, ao morrer, de tudo o que dissera, de tudo o que pensara, e tivesse deixado em testamento, com firma reconhecida, uma declaracão completa n'esse sentido. Em todo o caso, seja como fôr, aqui, para o problema em questão, isso não importa absolutamente, uma vez que é essa — a do advento do Socialismo — uma das hypotheses formuladas.

E a conclusão agora é facil. No raciocinio

feito sobre as duas ordens de forças em presença está implicitamente contido o criterio do typo de structura formulado por Spencer e que nada mais é do que a avaliação de uma parte da força centrífuga e a affirmação, como hypothese, de um prolongamento com boas probabilidades a seu favor. De'essa maneira é bastante que as premissas estabelecidas acima não conduzam á Anarchia para ficarem afastadas ao mesmo tempo as duas alternativas da objecção imaginada.

E com effeito: porque se deveria pregar a Anarchia? Para crear embaraço á tendencia centrífuga? E' essa a objecção supposta. Mas justamente o raciocinio a fazer acceitar então, muito mais facilmente realizaria a estabilidade desejada, na posição média e nas posições proximas. Seriam aproveitadas então as vantagens do Estado sem os perigos da expansão socialista. E desde que isso é mais facil de obter e que o inconveniente apontado na existencia em qualquer gráo do Estado é assim affastado, a objecção cahe.

E' claro que o ensino e a propaganda Spencerista não póde considerar como certa a victoria, mesmo dentro do desenvolvimento normal. Talvez nunca se chegue a estabelecer um regimen que satisfaça, mesmo com larga aproximação, a doutrina de Spencer. Em todo o caso ha probabilidades. Assim na hypothese, por exemplo, de existir, antes do Socialismo uma posição de equilibrio entre as forças centrífugas e as forças centripetas, me parece provavel que se dê, em função do tempo, o crescimento da força centripeta, o decrescimento progressivo da força centrífuga, e o recuo gradual da posição do equilibrio. Semelhantemente mesmo na segunda hypothese, na do estabelecimento futuro do regimen Socialista. E talvez que então esse movimento de recuo nos leve até á posição média, tal-

vez mesmo mais longe, no sentido da Anarchia. Não se póde demonstrar, com effeito, que seja impossivel que, em uma época futura, o desenvolvimento e a generalização das noções de hygiene e de salubridade, o desenvolvimento de certa ordem de sentimentos, dispense, a esse respeito qualquer intervenção do Estado. Mas não é impossivel tambem a hypothese contraria. Não é impossivel que isso nunca se dê e que se fique sensivelmente aquem da posição média, porque, em ultimo caso, mesmo supposto indefinido, o progresso póde não ir além de certo valor.

N'essas diversas épocas o Spencerismo pregaria a limitação do Estado sem nunca pregar a Anarchia, como vimos. E mais ainda. Um dos elementos determinantes do movimento no sentido do regimen Socialista é a supposta identidade entre certas medidas já adoptadas e outras que se trate de tornar effectivas. Desde logo quanto menor é a cultura geral tanto maior é a facilidade de certas expansões pela difficuldade de percepção de distincções relativamente delicadas. A maneira de vêr Spencerista tenderia então a impedir a realização dos primeiros pelo receio de vel-as seguidas pelas segundas e da creação de um surto socialista. D'ahi em certa época a possibilidade do Spencerismo permittir intervenções que não permittiria em épocas anteriores. E d'ahi, finalmente, esta conclusão particularmente contraria a qualquer idéa da diminuição gradativa do Estado até a sua annullação final: a zona de acção do Estado, delimitada pela comprehensão Spencerista póde, assim, augmentar, dentro de certos limites, dadas certas circumstancias, com o tempo — tendo sido A em uma dada occasião, ella póde ser, em uma época futura, A mais qualquer coisa.

M. Ribeiro de Almeida.

Face a Face

Culpa não tem a flor de ser flor; culpa a estrella
 Não tem de ser estrella; e culpa de ser homem
 Não na tem o animal transfigurado pela
 Influencia dos ideaes soberbos que o coñsomem.

A flor culpa não tem porque nos fira o espinho;
 Culpa não tem o sol porque a luz nos deslumbre,
 Culpado o homem não é porque no seu caminho
 Ache o acúleo da ffor e as estrellas vislumbre.

Nem a força fatal que tudo tira ao nada
 Tem culpa de existir a natureza bruta,
 Tem culpa de existir a alma ao não ser forçada.

Pois essa força é o Deus que os homens não escuta,
 E os vê—talvez soltando ironica risada,
 Tombarem sem razão e sem gloria na lucta.

*
 * *

A gloria fôra ser universal e eterno
 Como um raio de luz ou como um grão de areia;
 Mas ter alma, sentir ora o céu e ora o inferno
 Para apagar-se como um sol que bruxoleia...

Isso é triste; e quem quer que misero padeça,
 Medite, sonhe, combata e sucumba na lida,
 Hade tentar em vão não curvar a cabeça
 A quella força atróz por tudo incomprehendida.

Não val pensar que a morte as ancias aniquila;
 Não val saber que a gloria é precaria e fugace,
 Para sentir-se na alma impavida e tranquilla,

Sem que jámais por ella um só remorso passe;
 Algo que nos arroube, algo que nos impilla,
 E á força desse Deus se opponha face a face.

J. Pereira Barrêto.

HISTORIA TRISTE

A' Lucillo.

Na sala junto, toda cheia de luz, dançava-se animadamente, e nós quatro em volta á meza, uma meza redonda de xarão, passavamos a noite em socegada palestra..

E foi alli naquella saleta onde as ramagens prateadas do papel resaltavam nitidas á claridade semi-velada d'um *abat-jour*, no meio daquelle relativo silencio que havia em torno de nós, emquanto lá fóra chovia forte e havia frio, e na sala, junto ao calor das luzes, dançava-se animadamente, que ouvi do Prado a narrativa de uma grande miseria, desta miseria que faz soffrer os bons e ainda é capaz de abalar os máos.

Prado a sabia contar; tinha na voz, no gesto e no olhar (um bom olhar zul um azul secco), as grandes sensações porque passára.

«Foi um Londres, em uma noite fria de inverno, noite cheia de neblina e humidade: sahira de um dos *Music-Hall* um pouco affastado do centro, ia tomar um carro que o levassc a *Piccadilly* ou a *Regent Street*, quando viu junto a si, uma loira de uns quinze annos, alta, delgada, uma figura suavemente franzina.

«Debaixo de um capote, um rico capote de fazenda grossa que lhe ia até aos pés, o corpo se mostrava perfeitamente desenhado. Na cabeça um gorro de pelles preso por um grande grampo, deixava ver bem o ouro macio dos cabellos; calçava sapatos de verniz».

Prado parou um pouco, começando a beber devagar um calix de licor.

Eu afficto pelo résto disse duas ou tres vezes:

— Então loira, hein! quinze annos, hein! nós aqui não temos disso!

O Ramiro a meu lado, de olhar acceso, a mexer nervosamente o copo cheio de Pipermint, chupava o charuto, ante-gozando um pouco sensuamente o fim da aventura.

«Pois é verdade; ella desembaraçada chegou-se a mim:

« Procurava um cavalheiro, — sympathisara commigo—e demais que grande frio, estava de cortar, cahia até neve, e bem perto havia um hotel modesto, mas limpo, onde ao abrigo do tempo, poderíamos fallar com calma. E em um riso brejeiro, repetiu ainda que—sympathisara commigo».

Ramiro resmungou :

— Que achado!

«Foi também o que eu pensei, quando com todo o carinho tomei-lhe o braço, e fomos andando a procura do hotel, que se fazia annunciar ao longe por uma lanterna vermelha, que brilhava fraca no nevoeiro espesso.»

Ramiro insistiu:

— Então queres dizer que não foi um achado!? Tão novinha e aquella hora pelas ruas! E' muita sorte!

«Espera, filho, ouve o final... Muito agarrada a mim e dizendo sentir muito frio, disse também chamar-se Lucy, e ter quinze annos. Soube que fôra seu pae que a perdera, dando-a, a troco de cinco libras, a um homem bruto, que a maltratava muito, e de quem ella sentia um nojo constante.

«Mas não ficara muito tempo com elle, e na tarde em que voltára á casa, seu pae, ameaçando-a, dissera-lhe que fosse para a rua arranjar a vida, que trouxesse dinheiro, senão que a mataria a pancadas. E todas as noites quando ella chegava, o seu primeiro cuidado, era entregar-lhe o dinheiro que trazia! Quando era pouco, apanhava!

«Tinha muito medo d'elle, e era por isso que eu a encontrava ali, áquella hora em que as ruas vão ficando desertas, em que a neblina é quasi neve, e em que o vento mata!

«E ainda tinha mãe, mas esta vivia sempre bebada equasi sempre presa! Uma grande lastima! Uma grande miseria! Porém não era ella só. Londres estava cheia! Ha dias morrera a Jenny, uma companheira sua; era tuberculosa, e uma dessas manhãs, acharam a pobresinha, cahida junto a uma esquina, já toda inteiriçada!

«Havíamos chegado ao hotel—The Butterfly Hotel—li pelas portas.

«Ao subirmos um sujeito me perguntou :

— «Quarto com ou sem fogo?

— «Com fogo, sim! pediu Lucy.

— «I6 a esquerda.

«Lucy ao entrar no quarto, aquecido bastante pelo calor que vinha de um fogão ao fundo, esfregando as mãos em um contentamento infantil, perto ao fogo que queimava forte, feliz por momentos, falava a rir :

— «Oh como é bom! Como é bom! Moraria aqui toda a vida! E sabe você, nem sempre me trazem para logares assim, levam-me para onde não ha quasi luz e muito menos calor... Oh como é bom! E o frio que me maltrata tanto!

«Depois, com o olhar muito brilhante, disse-me ás pressas:

— «Não me queira mal por isso... e ao tirar o grosso capote de fazenda cara, estava em camiza! O corpo estava gelado, tinha talvez febre!

— «Só tenho isto; foi meu pae quem m'o deu quando lançou-me á vida! Elle tira-me tudo!»

Na sala já não se dançava mais, chamaram-nos á meza.

E o Prado acabou assim:

« Quando sahi dei-lhe duas libras; tanta desgraça me abalara! Pouco adiante vi que um sujeito ia ao seu enalço; era o pae com certeza... E sabem vocês, ainda fui roubado! Lucy batera-me o relógio e a corrente! »

Carlos de Lara.

Rio, 24 de Junho 07.



Recordações do escrivão Isaias Caminha

—:—

I

(Continuação)

— Quando você pretende ir, Isaias? indagou meu tio, sem surpresa e imediatamente:

— Amanhã, disse eu cheio de resolução.

Elle nada mais disse. Calamo-nos e minha tia sahiu da sala, levando o capotê molhado e logo depois voltou, trazendo o café.

— Quer paraty, Valentim?

— Quero.

Revolvendo lentamente o assucar no fundo da chicara, meu tio continuou ainda calado por muito tempo. Tomou um góle de café, depois um outro de aguardente, esteve com o calice suspenso alguns instantes, descançou-o na mesa automaticamente e, aos poucos, a sua physionomia de largos traços de ousadia, foi revelando um grande trabalho de concentração interior. Minha mãe nada dissera até ahi.

Num dado momento, pretextando qualquer cousa, levantou-se e foi aos fundos da casa. Ao sair fez á minha tia uma insignificante pergunta sobre o arranjo domestico, sem alludir á minha resolução e

sem despertar meu tio da scisma profunda em que se engolfara.

Ancioso, eu me deixei ficar á espera de uma resposta delle, notando as menores contracções de seu rosto e decifrando os mais tenues lampejos de seu olhar. Houve um segundo que elle me pareceu ter suspendido todo o movimento exterior de sua pessoa. A respiração como que parara, tinha o senho carregado, as rugas da testa larga e quadrada fixadas, como se tivessem sido vasadas em bronze, e os olhos immoveis, orientados para uma fresta da mesa, brilhantes, extraordinariamente brilhantes e salientes, como que a saltar das orbitas para farejar o rasto provavel da minha vida na intrincada floresta dos acontecimentos. Gostava delle. Era um homem leal, valoroso, de pouca instrucção, mas de coração aberto e generoso. Contavam-lhe façanhas, bravatas portentosas, levadas ao cabo pelos tempos em que fôra, nas eleições, esteio do partido liberal. Pelas portas das vendas, quando passava, cavalgando o seu sympathico cavallo magro, com um sacco de cartas á garupa, murmuravam: « que songa-monga ! Já liquidou dois. »

Eu sabia do caso, estava mesmo convencido de sua exactidão; entretanto, apesar das minhas precoces exigencias de moral inflexivel, não me envergonhava de estimal-o, amava-o até, sem mescla de terror, já pela decisão do seu character, já pelo apoio certo que nos déra, a mim e á minha mãe, quando veio a morrer meu pae, vigario da freguezia de*** Animara a continuar os meus estudos, fizera sacrificios para me dar vestuario e livros, desenvolvendo assim uma actividade ácima dos seus recursos e forças.

Durante os dous annos que passei, depois de ter as humanidades, o seu character atrevido conseguia de quando em quando arranjar-me um trabalho ou outro. Desse modo, eu ia vivendo uma doce

e mediocre vida roceira, sempre perturbada, porém, pelo estonteante proposito de me largar para o Rio: Vae Isaias! Vae!

Meu tio ergueu a cabeça, pousou o olhar demoradamente sobre mim e disse:

— Fazes bem!

Acabou de tomar o café, pedio o capote e me convidou:

— Vem commigo. Vamos ao Coronel... Quero pedir-lhe que te recommende ao Dr. Castro, deputado.

Minha tia trouxe o capote, e quando iamossaindo appareceu tambem minha mãe, recommendando:

— Agazalha-te bem, Isaias! Levas o chapéo de chuva?

— Sim, senhora, respondi.

Durante quarenta minutos, patinhamos na lama do caminho, até á casa do Coronel Belmiro. Mal tinhamos empurrado a porteira que dava para a estrada, o vulto grande do fazendeiro assomou no portál da casa, redondo, num longo capote e coberto de um largo chapéo de feltro preto. Approximamo-nos.

— Oh! Valentim! fez preguiçosamente o Coronel. Você traz cartas? Devem ser do Trajano, conhece? Socio do Martins, da rua dos Pescadores...

— Não senhor, interrompeu meu tio.

— Ah! E' seu sobrinho... Nem o conheci... Com vae, menino?

Não esperou a minha resposta; continuou logo em seguida:

— Então, quando vae para o Rio? Não fique aqui. Vá... Olhe, o senhor conhece o Azevedo?

— E' disso mesmo que vinhamos tratar. Isaias quer ir para o Rio e eu vinha pedir a V S...

— O que? intèrrompeu assustado o Coronel.

— Eu queria que V. S., Sr. Coronel, gaguejou o tio Valentim, recommendasse o rapaz ao Dr. Castro.

O Coronel esteve a pensar. Mirou-me de alto a baixo, finalmente falou:

— Você tem direito, *seu* Valentim. E'... Você *trabalhou* pelo Castro. Aqui para nós: se elle está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e um pouco a você que desenterrou alguns.

Riu-se muito, cheio de satisfação por ter repetido tão velha pilheria e perguntou amavelmente em seguida:

— O que é que você quer que lhe peça?

— V. S. podia dizer na carta que o Isaias ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatorios, e precisava, por ser pobre, que o Dr. lhe arranjasse um emprego.

O Coronel não se deteve, fez-nos sentar, mandou vir café e foi a um compartimento junto escrever a missiva.

Não se demorou muito; as suas noções grammaticas não eram sufficientemente fortes para retardar a redacção de uma carta. Demoram-nos ainda um pouco e, quando nos despediamos, o Coronel abraçou-me, dizendo:

— Faz bem, menino. Vá, trabalhe, estude, que isto aqui é uma terra atôa, com licença da palavra, de m... O Castro deve fazer alguma cousa por você. Elle foi assim tambem. O pae você o conheceu, *seu* Valentim?

— Sim, Coronel, fez meu tio.

— .era muito pobre, muito mesmo. O Hermenegildo, o Castro, quiz estudar. Nós..., nós, não, eu, principalmente que era presidente, arranjei-lhe uma subvenção da Camara... E foi assim. Hoje, accrescentou o Coronel immediatamente, não é preciso, o Rio é muito grande, ha muitos recursos... Vá, menino!

Não chovia mais. As nuvens tinham corrido de um lado do horizonte, deixando ver uma nesga de céu azul. Um pouco de sol banhava aquellas collinas tristes e fatigadas, por entre as quaes caminhavamos. As cigarras se puzeram a estridular e vim vindo, de cabeça baixa, sem apprehensões, cheio de esperanças exuberante de alegrias.

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria ás aulas, e todo o fim de anno, durante, seis faria os exames, ao fim dos quaes seria Doutor!

Ah! Seria doutor! Resgataria o peccado original do meu nascimento humilde, amaciaria o supplicio premente, cruciante e omnimodo de minha côr... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito á minha magestade de homem, andaria com ella mais firme pela vida em fóra. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cerebro.

O flanco, que a minha pessôa, na batalha da vida, offerencia logo aos ataques dos bons e dos mãos, ficaria mascarado, disfarçado... Ah! Doutor! Doutor!... Era magico o titulo, tinha poderes e alcances multiplos, varios, polyformicos... Era um *pallium*, era alguma cousa como chlamyde sagrada, tecida com um fio tenue e quasi imponderavel, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos quebravam-se. De posse della, as gottas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisivel distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoraveis, como commum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de annel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo entanha antes de ferir amartellada á beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas,

pelas salas, recebendo cumprimentos : doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobrehumano!...

Estavamos quasi a chegar.

Pelo caminho, andamos os dois calados. Eu vinha entregue ás minhas reflexões e meu tio, uma vez ou outra, veio perturbal-as com uma pergunta qualquer. Eu respondia, sem vontade de continuar a conversa; depois da terceira tentativa para entabolal-a, não insistiu mais. O sól fugia aos poucos, as cigarras deixaram de cantar e quando chegamos em casa, a chuva cahio novamente.

Almocei, sahi até á cidade proxima para fazer as minhas despedidas, jantei e, sempre, aquella visão doutoral não me deixava. Vinha-me uma face della, depois outra mais brilhante, esta provocava uma consideração, aquella mais uma propriedade da carta omnipotente. De noite, no tecto da minha sala baixa, pelos portaes, pelas paredes, eu via escripto pela luz do lampeão de petroleo — Doutor! Doutor!

Quantas prerogativas, quantos direitos especiaes, quantos privilegios, esse titulo dava! Puz-me a considerar que isso devia ser antigo... Newton, Cesar, Platão e Miguel Angelo deviam ter sido doutores!

Foram os primeiros legisladores que deram á carta esse prestigio extra-terrestre... Naturalmente, teriam escripto nos seus codigos: tudo o que ha no mundo é propriedade do doutor, e se de alguma cousa outros homens gozam, devem-n'o á generosidade do doutor. Era uma outra casta, para a qual eu entraria, e desde que penetrasse nella, seria de osso, sangue e carne differente dos outros—tudo isso de uma qualidade transcendental, fóra das leis geraes do Universo e acima das fatalidades da vida commum...

— Levas toda a roupa, Isaias? veio interromper minha mãe.

— A que houver, mamãe.

Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fóra, a chuva cahia com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa fragil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrazada. Minha mãe ia e vinha de um quarto proximo; removia bahús, arcas; cozia, futejava. Eu devaneava e ia lhe vendo o perfil esqualido, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os mal-lares salientes, tendo pela pelle parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quándo em quando, ella me lançava seus olhos avelludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao me encarar. Suppuz que advinhava os perigos que eu tinha de passar; soffrimentos e dores que a educação e a intelligencia, qualidades a mais na minha fragil consistencia social, haviam de attrair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ella via em mim, para me deitar aquelles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho. Aos seus olhos — muitas vezes se me veio a afigurar—eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cercal-a-ia logo o ambiente de seducção e corrupção, e havia de acabar por ahi, por essas ruas...

Por vezes, tambem acreditei que ella nada quizesse exprimir com elles; que tinha por mim a indifferença da machina pelo seu producto. Que importa aos teares de *Valenciennes* o destino de suas rendas!

Eu a cria, então, resignada a ficar alli, nas proximidades de uma cidade de terceira ordem, tendo, de onde em onde, noticias minhas naquella grande cidade que a sua imaginação a custo havia de representar. E quem sabe se as noticias seriam de ordem a lhe provocar duvidas

sobre a sua maternidade?! Coitada! Pobre de minha mãe!

— Olhe, mamãe, disse eu, logo que me *arrume* mando-a buscar. A senhora está ouvindo?

— Sim, respondeu ella com fingida indifferença.

— Alugaremos uma casa. Todo o dia, quando eũ fôr trabalhar, tomarei a sua benção; quando tiver de estudar até alta noite, a senhora ha de dar-me café, para espantar o somno... Sim, mamãe? E me puz a abraçal-a effusivamente.

— E' bom! Estuda, Isaias, fez ella, desvenilhando-se de mim brandamente. Não tè importes commigo... Estuda, meu filho! Eu já estou velha, demais.

— Mamãe não acredita em mim.

— Acredito, meu filho; mas... mas não quero sair daqui.

No dia seguinte, quando eu me despedi, ella me deu um forte abraço, afastou-se um pouco e me olhou longamente, com aquelle olhar que me lançava sempre, fosse em que circumstancia fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor

— Vae, meu filho, disse-me ella afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós...

E não acabou. O chôro a tomou convulsa e me afastei chorando...

(*Continúa*)

Lima Barreto.



Revista da quinzena

PRETEXTOS

A lei do sorteio— Todo o mundo sabe como é difficil entre nós discutir questões que interessam mais ou menos ao exercito. E' memoravel o exemplo de M. e Albuquerque que soffreu uma valente refutação a golpes de espada, ao que elle retrucou com logica cerrada e um guarda-chuva protector, por ter repetido com outras palavras, o que Thomaz Ribeiro dissera no seu poemeto, «As novas Conquistas» (Lisboa, 1864) :

mais faz que espada ou lança, escopro e serra ;
 mais que mil arsenaes uma officina.

.. ..
 soldado e general, é quem trabalh...;
 é mais condecorado, o que mais faz;

D'ahi a hypocrisia com que foi atacada indirectamente a lei do sorteio, sem que ninguem, a não ser o mesmo escriptor acima citado, em tres artigos admiraveis publicados na «A Noticia» se atrevesse a impugnar a necessidade do serviço militar obrigatorio — com ou sem sorteio, com ou sem insenções !

Ha innegavelmente grandes vantagens em ser brasileiro. Affonso Celso enumerou muitas dellas com louvavel facundia no seu livro para presente de annos «Porque me ufano do meu paiz». Esque-

ceu-se de uma das mais solidas, que é precisamente não estar o brasileiro sujeito ao pesado fardo do serviço militar.

Vae esta grande, esta enorme vantagem desaparecer ? Não sei, mas parece-me difficil, quasi impossivel.

Lembremo-nos que já houve, entre nós, ha muitos annos, uma guarda nacional.

Esta curiosa lei do sorteio pertence á classe das leis panacéas, ultimamente tão em moda, e que tem por fim confessado reconstituir o nosso edificio social. Com as Universidades veriamos reerguer-se o tão abalado ensino publico : tres ou quatro reitores novos, e o Rio de Janeiro, S. Paulo, Bello Horizonte, transformar-se-iam instantaneamente em Berlin, Iena e Goettingen. Com a simples lei do sorteio, teriamos um poderoso exercito.

Ah, essas reformas no papel !

E' mais que provavel que tudo continuaria no mesmo; tanto se póde ter um exercito disciplinado de 15.000 homens como de 50.000. Mas ninguem o quer dizer.

Se a reforma do exercito não tivesse outro effeito senão este, não valeria a pena falar. Toda a reforma idealista além de ingenua, é commovente.

Sensibilisa, e numa lei sentimental todos os absurdos são perdoaveis.

Mas a lei do sorteio tem graves defeitos, que desde logo foram apontados. Não é desnecessario repetil-os : creio que não foram ainda bem apprehendidos. E' uma lei que vem ferir profundamente o brasileiro, e isto não póde ser posto em margem n'um paiz em que o elemento nacional está talvez senão seguramente em condições de riqueza inferiores ao elemento estrangeiro. A lei do sorteio viria augmentar este desequilibrio economico. No interior, já sabemos pelo que se passava no tempo do Imperio, o que será a sua applicação. Recrutamento

e sorteio, são duas palavras synonymas no nosso vocabulario politico.

Em França, paiz riquissimo, onde o estrangeiro não detem como aqui a maior parte da riqueza nem está para o elemento indigena na proporção que se nota no Brasil—terra de immigração e de conquista—houve no emtanto um deputado que em 1893 propoz na Camara se lançasse uma taxa sobre os estrangeiros por não estarem como os francezes sujeitos ao serviço militar. E em abono da sua proposta, citava factos. Lê-os é lêr um libello terrivel contra o serviço militar no Brasil. Havia nesta epoca em Pariz,..... 50.000 creados estrangeiros empregados de preferencia aos francezes, porque não soffriam interrupções no seu serviço. E os chefes de innumeradas casas commerciaes, respondiam aos rapazes que lhes pediam emprego, depois de terem feito o seu serviço militar :

Preferimos os estrangeiros porque elles não tem que fazer serviço nenhum. E isto simplesmente, por serem estes rapazes obrigados a faltar temporariamente ao seu emprego, pela exigencia do serviço de vinte e oito dias.

Dir-me-hão que estes negociantes eram máos patriotas. Concordo, mas é necessario reconhecer que o patriotismo não é oleo que facilite o bom funcionamento do mechanismo commercial.

Ha um grande engano da parte de muitos espiritos credulos e enthusiasts quando suppõem que nos paizes europeos o serviço militar é livremente acceito como um dever de todo bom patriota. E' na realidade um peso fatigante, imposto como um mal necessario. Atravéz da ironia de um Courteline, comico profissional, sente-se a revolta contra a absurda disciplina dos quartéis. E mil outros escriptores trazem-nos o seu testemunho.

Eu já tive a illusão de que para alguma cousa nos serviria vivermos n'um paiz novo, de pouca cultura e mal civilizado ainda. Teríamos ao lado desta desvantagem positiva, grandes e reaes proventos.

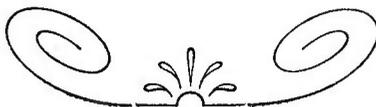
E' uma illusão que se me vae fugindo aos poucos. Estamos fadados a absorver a civilização européa pelos seus lados mais penosos e mais tristes.

Podíamos ter organizado o serviço voluntario; o soldado seria um profissional bem pago e bem tratado. Uma boa paga, que chamariz em certas regiões do Brasil! Euclides da Cunha, nos «Sertões», já nos mostrou uma raça forte de homens, que dariam soldados incomparaveis. Desde que se estabelecessem quartéis regionaes, teríamos em breve nucleos possantes, em um palavra, um exercito.

Mas para organizar um exercito deste modo, seria necessario tomar em consideração as condições economicas e sociaes do Brasil, verificar o numero de soldados que comporta o seu estado financeiro, entregar a especialistas o estudo do processo pelo qual se poderia estabelecer o voluntariado com successo entre nós. Mas quanto trabalho daria, quanta massada!

Preferiu-se escolher uma solução, á primeira vista mais *simples*, mas na realidade mil vezes mais complicada do que a outra.

Antonio Noronha Santos



Questões actuaes

O sorteio e a sociedade — Agita-se neste momento no nosso meic social, um problema, que, devido ás suas fundas raizes com os outros componentes do nosso bem estar, se torna um tanto difficil de resolver.

Refiro-me ao serviço militar obrigatorio.

Não sou pacifista a ponto de, embalado nos cantos theoricos das grandes potencias, acreditar na paz futura.

Comprehendo a necessidade de sermos fortes e aparelhados para futuras emergencias bellicosas.

A formação de um exercito, porém, ou por outra, o levantamento mais ou menos em massa da população, para se obter um amontoado de homens adextrados ao mister das armas, a que se dá o nome de exercito, acarreta consigo uma serie de problemas sociaes, que não são para desprezar.

Analysando os dados que para tal são precisos, reconheceremos, sem trabalho, a difficuldade de resolver a questão capital completamente.

O tirar 50 ou 60 mil homens dos nossos centros de producção, a fim de distrahil-os nos quartéis, sem utilidade pratica para a sua economia particular, é atrazar um tanto o nosso evoluir.

Estes homens, tirados das sciencias, artes, das industrias, lavoura, etc., naturalmente deixarão de produzir, para ficarem em uma estagnação de dois ou tres annos.

As despesas, originadas com o seu custeio, não são pequenas, ponto capital para nós que procuramos o equilibrio estavel das nossas finanças.

O desvio de sua actividade normal causará prejuizos consideraveis aos interesses de terceiros, e bem assim aos delles proprios, sem ser possivel alcançar, quer para uns, quer para outros, compensação alguma.

Agora, que, por meio de dispendiosa propaganda, procuramos chamar a concorrência estrangeira, parece um tanto antagonico desviarmos tantos braços e cerebros da produção nacional.

Não sou levado pelas grandiosas idéas socialistas, que pouco a pouco ganham terreno; mas, a militarisação por via directa traz consigo tal serie de difficuldades, que se me antolha embaraçosa ao evoluir normal da sociedade.

Se em vez destes gastos bruscos, destas responsabilidades, destes damnos, etc., o Estado procurasse por meios indirectos a militarisação gradual, se bem que muito demorada, estou certo que taes inconvenientes desapareceriam.

A guerra actual, a não ser em certos detalhes especiaes, cifra-se: no preparo e actividade dos commandantes e na educação militar e de tiro dos commandados.

Se desde os bancos da escola primaria, o menino fosse obrigado a comprehender o seu papel como futuro soldado, recebendo os fundamentos da disciplina militar; e, se desde lá, elle principiasse a manejar o fusil de guerra, ao chegar aos bancos superiores, já teria pratica e noções necessarias á sua funcção como defensor dos interesses collectivos da nação.

Não quero dizer com isso, que se faça de cada escola uma academia militar; de cada menino um soldado; não, tudo tem seu modo de ser e seu tempo.

A obrigatoriedade do ensino militar (disciplina militar) gradual para todas as escolas publicas e particulares, desde as primarias ás superiores,

incutiria em todos, a par do civismo, um amor pelas carreiras armadas, e tambem uma dóse de ensinamentos, que no momento preciso appareceriam.

Se todo cidadão fosse obrigado a apresentar um certificado, pelo qual provasse a sua pratica no tiro, quando pretendesse alguma cousa ligada ao governo, como actualmente se faz com o attestado de vaccina e outros, estou certo que muito se lucraria.

A fundação de campos de manobras, onde, durante o prazo maximo de 2 a 3 mezes, fosse o cidadão, no espaço de 3 annos, obrigado a exercitar-se em manobras constantes, sem ser jogado na vida plenamente militar, sem ter quasi tempo de olhar para seus companheiros, sem fazer senão os serviços estrictamente destinadas á guerra, apagaria estou certo, essa idiota repulsa contra a desigualdade de côr e classe e contra a idéa erronea de que os soldados são criados dos officiaes.

Não seria difficil que os industriaes e outros patrões concedessem uma licença de dois mezes, voltando assim os seus empregados a occupar os seus logares, logo que terminasse tão curto prazo de tempo.

Não haveria uma interrupção longa na actividade de cada qual e todos, é de esperar, na expectativa, fariam as suas economias, afim de supprir às necessidades da familia nesse periodo.

Dest'arte, não veriamos o elemento estrangeiro assenhorear-se dos postos que antes occupavam os nossos patricios.

Repito: é preciso que o serviço se resuma na sahida do cidadãos de sua casa para o campo de manobra e d'ahi para a sua casa; nada de quartel!

Poderiamos de outra forma, se adoptassemos o systema chileno, onde cada soldado, em tempo de guerra, passa a sargento-instructor de compa-

nhia, evitar as desvatagens da militarisação completa e directa.

Não é justa a nossa comparação habitual com que se dá nos exercitos dos paizes europeus, os quaes têm a sua razão de ser. A politica, população densa, situação, gráo de cultura, emfim mil outros factos, tornam facil a formação de immensos exercitos nelles. A base de toda a disciplina, ou por outra: a base do exercito está na disciplina, e o esta na unidade moral que faz de milhões de homens um só soldado. Poderá haver essa unidade, quando falta a comprehensão elementar dos deveres indispensaveis ao soldado, pois a sujeição pela bruta força legal e o desespero pelo longo prazo na fileira hão de fazer do soldado o maior inimigo da sua farda ?

Tenhamos um exercito forte, mas, procurando primeiro conciliar os interesses do individuo com os da nação, os intercesses da parte com os do todo.

Procuremos inculcar no cidadão que o ser soldado não é trazer uma farda e amarrar-se a um sabre; e sim: o ser nobre e grande na sua inteira dedicação á patria.

Antes de qualquer mudança social, é preciso preparar gradualmente o animo do povo para ella.

Hatez lentement

Preparemos o caminho para os que atraz de nós vêm.

Edmundo Enéas Galvão.

Rio—1907.

Protocollo

O elegante jornal das 6 horas da tarde, o «Correio da Noite», quasi sem antecessores na nossa publicidade periodica, recebeu-nos de uma maneira gentil e superiormente fidalga, como sabem usar os seus valentes redactores com os que começam.

A' nossa vaidade, ainda um tanto juvenil, muito lisongearam as generosas palavras de sua noticia de apparecimento; entretanto, mesmo quando o tempo tiver tirado de cima de nós tão ridiculo defeito, não nos será possivel esquecer o que nella houve de são e de bom—a animação.

Agradecidos.

*
* *

Floreal mereceu de Gonzaga Duque a excepcional distincção de uns cumprimentos.

Ao destacarmos essas saudações, nós reservamos para espirito de escól que é o autor da *Mocidade Morta* o melhor dos nossos affectos, e votamo-lhe as alegrias que saboreamos nos classicos prelios da publicidade; visto que foi elle quem nos deu a immoredora consolação de um applauso sincero.

Que elle receba esta nota jubilosa com uma emoção correspondente á nossa, quando das suas mãos patricias partiram as palmas que foram o nosso hymno de marcha.

Demais, convem dizer, Gonzaga Duque é, para nós, um symbolo e uma synthese: elle é toda a mocidade viva que neste paiz ainda tem a vólupia hiperphysica da arte, do pensamento e do coração.

*
* *

A livraria Luso-Brazileira, desta cidade, acaba de editar um romance de Domingos Ribeiro Filho—O CRAVO

VERMELHO. E' o primeiro de uma série de estudos sociaes e moraes, a que o autor denominou— *Estudo de uma moral*. E' um livro de idéas, angustiado por esse problema que as religiões e as philosophias, com os seus messias e utopistas, têm procurado resolver. A mola interior do livro é aquella questão de todas as moraes: o estabelecimento de uma regra para a nossa conducta á felicidade. Escripto com vigor, sem os arrebiques de estylo dessa nossa litteratura de *a proposito*, o livro do Domingos merece ser lido por aquelles que não guiam as suas leituras pelas receitas dos jornaes.

A falta de espaço obriga-nos a retirar a noticia desenvolvida que d'elle iamos dar na «Revista da Quinzena», na secção —*Litteratura e arredores*— da nossa publicação.

*
* *

O nosso apparecimento não foi auspicioso.

Vendemos 38 numeros, graças aos esforços do nosso distribuidor, o Thomaz Labanca. A capa, disse-nos elle, *matou muito*; é bom que os srs. ponham uma vista: a alameda do Jardim Botânico, a Itapuca ou a Caixa de Conversão.

Teve razão, Labanca; a tal capa aparentou-nos desgraçadamente com a folhinha Ayer.

Demais, sabindo no sabbado, impressada entre tantos e bellos jornaes illustrados, a nossa pobre revista nem sequer podia ser notada.

Alguns jornaes, porém, tiveram a delicadeza e a lealdade de noticiar o nosso apparecimento; foram poucos: o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta*, cremos, e o *Jornal do Brazil*.

Agradecemos tão relevante favor, especialmente ao ultimo, que não se demorou em fazel-o.

ECHOS

Os maravilhosos progressos que o jornalismo nacional tem feito nestes ultimos annos, são estupendos. Ha uma verdadeira instabilidade em cada qual, nessa febril procura de aperfeiçoamentos e disposições novas.

A *Gazeta*, por exemplo, deu ao Rio um exemplo edificante de compadecido respeito pelos grandes sentimentos alheios: trouxe para a primeira pagina, para o Bino-culo, a secção de anniversarios e os ternos bilhetes de amor que, ás vezes, appareciam humilhados entre os «Aluga-se» e «Vende-se», na 4ª pagina.

Jornaes ha que festejam o semestre com boletins gratuitos, e desprezando a base de todo e qualquer jornal, que é ser lido, muito lido, conseguem festejar consecutivos anniversarios.

O desenvolvimento do jornal não foi tão velóz como o do cinematographo ou do *foot-ball*; mas, neste ultimo lustro, vae sendo de uma rapidez que causa pasmo.

O facto, que mais accentuadamente demonstra os progressos rapidos do nosso jornalismo actual, é o de ter *O Paiz*, em mezes, pago a immensa quantia de 800 contos que devia ao Banco da Republica.

* * *

Hontem, em casa de M^{me}. de Bulhoens Silvá, o chá foi servido absolutamente fervendo. E' triste vemos actualmente, quando a energia e a tenacidade do governo passado reformaram quasi totalmente a nossa cidade, esse lado fraco dos nossos criados.

Em Paris ou Londres, não é preciso ir aos primeiros hoteis para se ter, á sua meza o chá na temperatura adequada ao paladar.

Aqui, ou elle vem a ferver ou vem frio, gelado.

O sr. Barão do Rio Branco, com a sua alta cultura historico-geographica e o seu consideravel saber nessas cousas do *savoir-vivre*, deve tomar o maximo cuidado que tal não se dé, quando entre nós estiver El-Rey D. Carlos.

Não seria máo que S. Exa. recommendasse aos nossos Ministros em Paris ou Londres que enviassem para aqui alguns copeiros praticos nessa difficil operação.

Além de servirem para o uso de S. M. Fidelissima, com certeza haviam de ensinar aos nesses actuaes copeiros esse aperfeiçoamento na technica de seu officio. E' uma idéa!

(Dos «Pequenos Echos», da *Noticia*, de 5 do corrente.)

*
* *

Si a *Caravana* litteraria vae trotando pelo asphalto das letras patrias com a lentidão dos camellos chucros ás margens do Asphaltite, uma outra caravana não menos pittoresca tem feito as suas traficancias pelo paradoxal deserto da capital do Brasil.

Referimo-nos á caravana parlamentar, cuja missão pelo areal da patria e tem uns ares medievaes de cavallaria andante e o aspecto divertido d'um *tour* de rapazio pelas confeitarias e casas suspeitas.

Nada ha a oppor a essas sortidas cujo espirito não tem a alta monta com que querem illudir-se os parlamentares e os homens de muito talento.

Si bem que sejam innocuos, uns e outros, apenas por amor á triste coherencia das coisas, nós observamos que nesta 2^a caravana, como na 1.^a, ninguem quer ser camello; são todos beduinos.

Talvez que, na Historia Natural, o homem se distinga bem do camello . . . mas só na Historia Natural.

*
* *

Não é fóra de tempo dar alguns echos das conferencias do sr. G. Ferrero.

Como se sabe, tiveram lugar no palacio Monróe, o catita polacio Monróe do alto gosto do Barão do Rio Branco; e dellas, graças ao curioso geito que tem o sr. Mario de Alencar para peneira ou crivo, foram joeirados todos aquelles que não fazem parte da *essencia da fina flôr da intellectualidade carioca*.

Estiveram presentes colleteiras eruditas, confeiteiros illustrados, negociantes de vinhos que fallam italiano porque nasceram na Italia, além de um interessante desembargador, que aproveitou conscienciosamente o tempo para conversar, no vão de uma janella, com um seu joven amigo, sobre uma novissima marca de suspensorios.

Lastimo, dizia o seu interlocutor, que fiquem occultos pelo collete e paletot. São tão bonitos!...

O desembargador, se bem que joven (*jeunesse qui veille..*), resiste ao somno; o mesmo, porém, não se dá com muitos outros, entre os quaes o sr. de Rio Branco, que foi apanhado *pregando uma pestana*. A idade...

E' preciso não esquecer tambem que houve um Doutor Vasconcellos (?) que aproveitou aquellas lindas e sabias palavras sobre os tempos de Tiberio, para discutir com um amigo cousas do.. Moulin Rouge.

Houve suggestão?

*
* *

A 26 do mez ultimo, o «BINOCULO», o super-elegante «Binoculo» da *Gazeta de Noticias*, o inventor do Corso, pelo que, como tão bem diz *O Pádo*, merece a gratidão do estabelecimento Moreau, ensinava a significação de *professional beauties*. E' engraçado! Se o elegancial «Binaculo» continúa nesse papel de dictionario Valdez, vae se ver abarbado com os meninos dos cursos secundarios da cidade.

A toda a hora, terá que attender a listas de *significados*, chegadas do Gymnasio, do Paula Freitas e Alfredo

Gomes, pedindo a traducção de *bread, milk, money, all right, man, place, very good e yes*.

E' pena que o Binoculo, que se destinava aos altos fins de «Manual de civilidade», venha acabar nesse infimo papel de alumno adiantado de classe de inglez, pelo methodo de Ahn. E isso é tanto de penalisar, quanto bem se póde imaginar que lhe vae faltar espaço para a descripção quintessenciada das *toilettes* femininas que passam na rua do Ouvidor, o que lhe dava tão linda semelhança com os catalogos do *Parc Royal*, casa estimadissima pelas estonteantes bellezas do *Meyer e Todos os Santos*...

Uma cousa: os senhores devem ter notado que, actualmente, os conselhos elegantes substituiram as receitas de doces de que antigamente os nossos jornaes não se esqueciam de dar. Não notaram? Pois vaie a pena para esclarecer alguns pontos da nossa evolução jornalística.

Os jornaes...

*
* *

— «Quantos, Labanca?»

— «Trinta e oito», respondeu o Labanca, com intonação compungida.

— 38! Sim, tinham sido 38 os exemplares avulsos, vendidos do primeiro numero da *Floreal*! Trinta e oito—38—sobre os 850.000 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, por curiosidade, por esquecimento, por qualquer motivo, este aqui, aquelle mais adiante, haviam composto unidade por unidade, aquelle numero, unico entre todos os da serie dos numeros inteiros, que teriam que figurar no activo da *Floreal*:

VENDA AVULSA.... 38 EXEMPLARES

Trinta e oito heroes eram esses, seguramente, que ousavam assim proceder diante de toda esta heroica ci-

dade, talvez na rua do Ouvidor, á vista do Dr. Ataulpho e da casa Raunier! Uma onda de gratidão nos invadiu a alma. Bemdictos 38! Bemaventurados 38! Dignos 38! A vida vos seja propicia e os peccados vos sejam perdoados! Que um genio bom vos conduza os passos, e sonhos amigos vos indiquem, sem capciosidades, o bicho de cada dia!..

E veio-nos a curiosidade de saber quem elles eram... Foi esse um trabalho difficil em que tivemos de empregar todo o nosso esforço, vencendo obstaculos formidaveis. E um a um fomos resolvendo aquelles 38 mysterios. Soubemos quem era o primeiro... Depois o segundo, o terceiro, o quarto... Finalmente, o trigesimo terceiro, o o trigesimo quarto, o trigesimo quinto!... Faltavam tres... Quem seriam elles? Ahi foram baldados os processos communs de investigação. As maneiras e os recursos normaes de inquerito falhavam completamente, e fomos obrigados a empregar processos extraordinarios. Lemos o Stuart Mill, o Bain, o Jevons... Procuramos entender Hegel, fomos á rua Benjamin Constant, consultamos o sr. Ferrero... Compramos o Kant e fomos a sessões espiritas.... Ousamos passar a menos de 10 metros da Academia Garnier.... Embrenhamo-nos n'uma teia emaranhadissima de cogitações, fizemos um raciocinio complicadissimo que nos levaria paginas a expôr aqui, e ficamos sabendo que que os 3—esses 3 que restavam—eram.... imaginem lá!.. Da *Caravana!!!*...

— Sim!! Da *Caravana!!!*... Da *Caravana* que havia effectuado uma reunião secretissima e que havia entregue a 3 dos seus membros plenos poderes e 1\$500 para a compra de 3 numeros da *Floreal!!!*...

— *Caravana!* A *Floreal* retira ao que disse de ti no seu primeiro numero o correspondente a esses mil e quinhentos réis! *Caravana!* Ser-te-ha contado isso no teu activo! Não se dirá mais de ti que não sabes senão comer banquetes e compôr *menus!* Tem confiança, *Caravana!*

No juizo final da Historia, em que parecez acreditar, ser-te-hão descontados mil e quinhentos réis (Rs. 1\$500) de peccados e indigestões!!...

*
* *

Dos Pequenos Echos da *Noticia*:

«E' no primeiro domingo a sahida mensal do Collegio de Sion, de Petropolis.»

E' importante!

